
O conceito de objeto na obra memorialística de Pedro Nava*

Claudia Barbosa Reis**

Resumo:

O texto enfoca a obra de Pedro Nava, em especial o livro *Galo das Trevas*, buscando compreender nela o conceito de objeto. Acompanha a leitura que o autor faz dos objetos como continentes de memória, especialmente daqueles que compõem a sua residência, à Rua da Glória. Tenta uma analogia entre a visão do autor e a do profissional de memória, em especial o museólogo. Abrange ainda uma leitura do Rio de Janeiro a partir de elementos museais e ligados ao seu patrimônio construído.

Palavras-Chave: Pedro Nava; Memória; Museu; Rio de Janeiro.

Pedro da Silva Nava, nascido em 1903, registrou, nos seis volumes de memórias que publicou, de forma poética, minuciosa, descritiva, erudita e principalmente encantadora, o itinerário da sua vida, desde os ancestrais até o presente que vivia no Rio de Janeiro dos anos 70. Essa obra foi construída com base em um sério trabalho de pesquisa e arquivamento de dados, usados como verdadeiros roteiros. O detalhamento das suas descrições alcançam um certo sabor museológico por assemelharem-se àquelas constantes das fichas técnicas de objetos de museu.

Nava usou na construção das suas memórias, como pedra e cal, documentos diversos, objetos, casas, ruas, cidades. Foi a materialidade desses elementos que abriu o canal para o fluxo dos elementos intangíveis: histórias, sensações, sentimentos e ressentimentos. O retorno no tempo acontecia no escritório do apartamento da Glória e diante da paisagem da baía de Guanabara, local onde Nava escreveu a obra literária que tirou do baú, espaço que para Gaston de Bachelard (1993) é o órgão da vida psicológica secreta, onde estiveram mantidos durante todo o tempo de maturação da sua capacidade literária os elementos constitutivos da sua escrita: a capacidade analítica, o conhecimento literário, o aprofundamento nas artes plásticas, o amor pelo Rio de Janeiro. Pedro Nava produziu toda a sua obra nos doze últimos anos da vida que deliberou por encerrar com um tiro, em 1984.

* Trecho extraído de nossa dissertação de mestrado *Cidade personagem - o Rio de Janeiro na obra de Pedro Nava*, defendida em 2005, no Mestrado em Letras, pela PUC-RJ.

** Graduada em Museologia pelo Museu Histórico Nacional. Mestre em Letras pela PUC-RJ. Exerce o cargo de Tecnologista na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). E-mail:

No quinto livro de memórias, *Galo das trevas*, Nava estabeleceu a sua relação com o mundo museal, embora o seu conceito de museu e de objeto enquanto suportes de memória aparecesse desde os primeiros livros, já que Nava descreve a sua frequência a museus, repositórios de elementos que lhe permitiriam o aprofundamento no conhecimento da arte.

Para a construção da sua escrita, Nava recorreu a diferentes elementos da formação pessoal: aos conhecimentos e experiência do profissional da medicina, aos do artista e conhecedor de arte, aos do leitor compulsivo. Importa a este estudo porém, o trabalho do profissional da memória, que parte do objeto como documento para fundamentar um discurso que justifique o que se convencionou chamar de patrimônio cultural. Nava percorreu esse caminho para levantar toda uma cadeia de significados que se ligam e se sucedem formando sentidos universais ou meramente pessoais. Pois assim como se lê um documento escrito também se lê um objeto, um artefato. Lê-se a partir da análise que dele se faz, na qual a história da sua confecção, da sua materialidade é importante. Os elementos que intrínseca e extrinsecamente compõem os objetos vão ajudar a construir um discurso; a sua leitura possibilitará o “metabolismo dos aminoácidos”, a *digestão* da informação fornecida e a sua *absorção* pela sociedade. (*Balão cativo*: 244).

Informações de cunho geográfico, histórico e iconográfico, obtidas por meio de pesquisa, embasam essa possível leitura, pois que objetos materiais são também mediadores de memória. Por sua exterioridade e concretude deixam marcas específicas ao ultrapassar o tempo de vida do seu produtor e dos seus usuários, passando a recolher e expressar elementos que remetem de forma sensorial e profunda ao passado.

Todo objeto inclui aspectos intrínsecos (forma, cor, dimensões, elementos relativos à técnica de fabricação, sinais de uso e de conseqüente deterioração) que possibilitam o vínculo com as estruturas sociais, pois são veículos de qualificação social ou de eventos. A biografia das pessoas ligadas aos objetos complementa a sua leitura. Por meio dela é que se diferencia o objeto histórico ligado à concepção oficial de memória e passível de musealização pelos Estados, daqueles que tem a sua história ligada a um cidadão ou a um pequeno grupo social. Mas como definiu Ulpiano T. Bezerra de Menezes (2002), “é a questão do conhecimento que cria o sistema documental”. Como qualquer outro tipo de documento o objeto tem sua identidade indisponível até que o “ósculo metodológico” o desperte. Portanto, os objetos na obra de Pedro Nava estão na condição de objetos semióforos, portadores de sentido pelos critérios de Krystof Pomian (1984). São objetos portadores de memória, num universo próprio, que é aquele transcrito nas páginas da obra de Pedro Nava.

A sua residência, conforme apresentada em *Galo das trevas* é o cenário real no qual o memorialista passa as noites em claro, atormentado pelo *bicho insônia* e pelos fantasmas que retirara dos túmulos por meio da escrita.

Parece que a obra de Nava se volta para as descobertas da memória ao fazer uso do objeto como se ele estivesse sempre pronto a lhe revelar um signo, que não lhe é dado pela lembrança das coisas. Assim, “a própria arte parece ter o seu segredo nos objetos a descrever, nas coisas a designar, nas personagens ou nos lugares a observar.” (DELEUZE, 2003).

À página 344 de *Baú de Ossos*, Nava esboça perfeita tradução do trabalho desenvolvido nos museus e a relevância dessa analogia está expressa no conceito de leitura permitida pelo objeto:

Penso por exemplo em um livro. A mente vagabunda me leva à capa, a encadernação. Encadernar, a papelão. Este a papel velho, a velho apanhador de papel, a mendigo, ente miserável, E la vou... De encadernar eu poderia ter ido a couro em vez de papelão. Mas o couro foi escamoteado por causa daquele divã de couro de certa casa da rua da Bahia – o que mais valia recalcar e deslebrar...

Pois é a partir das correlações existentes entre as partes componentes de um objeto que se faz a sua leitura. Os materiais utilizados, as técnicas da produção, a trajetória do objeto, os acontecimentos e o tempo, que causam a sua deterioração. E da forma como Nava percebeu, abrem-se novas perspectivas para novas leituras, num sucessivo aprofundamento do plano mais material para outros que remetem a um caráter mais universal que transcende a materialidade. À página 39 do mesmo *Galo das Trevas*, está descrito com as mesmas características de planilha de objeto de museu o lampião de opalina que Nava desenhou a caneta esferográfica azul no *boneco*¹ da obra.

Logo afasto essa imagem e descanso meus olhos na prodigiosa curva de opalina azul do lampião que pertenceu ao velho Halfeld (onde há um vôo de pássaro, um explodir de flores em relevo) e que está descrito no inventário de sua primeira mulher, Dona Dorotéia Augusta Filipina. Seu bojo é terminado em cima e embaixo por enfeites, pés e alças de bronze dourado. Minha mãe o conheceu completo, funcionando a querosene. O tempo destruiu seu abajur de cristal fosco representando flor leitosa, pétalas orladas de azul e o reservatório do combustível a mesma opalina do resto. À luz do dia ele reluz como pedaço arrancado da abóbada celeste e lembra Juiz de Fora, a sala da Rua Direita com seus olhos de silêncio ou toda cheia do guizo vibrante do riso de minha prima mais linda.

Os materiais, as técnicas, a forma, a decoração, os danos causados pelo tempo inexorável, os proprietários, os ambientes aos quais pertenceu, estão presentes na descrição que termina numa ligação com o mundo intangível das sensações e sentimentos para onde todos esses elementos remetem.

Os espelhos e os relógios, metáforas óbvias de espaço e de tempo têm lugar especial no capítulo que descreve o apartamento-museu. O espelho de três faces em que durante o barbear diário Nava se observa detalhadamente para se retratar pelo desenho e pela escrita, objeto ligado à higiene pessoal, tem o caráter intimista que desencadeia o mergulho no desdobramento do eu, a partir do auto-exame.

Novamente penso em me prognosticar a frio diante do espelho de aumento que serve para a hora do diálogo mudo do barbear (*Galo das trevas*: 40)

Também em *Galo das trevas* o relógio-armário, herança dos antepassados Pamplonas, aparece associado à figura da morte, o seu pêndulo à foice, o seu tique-taque a contagem do tempo: “estêra” seu, agora ele é meu, “estêra” seu, agora ele é meu...”.

Em Pedro Nava a leitura de um objeto se faz a partir das correlações existentes entre suas partes componentes. Os materiais utilizados, as técnicas da produção, a trajetória do objeto, os acontecimentos e o tempo, que causam a sua deterioração. E da forma como Pedro Nava bem percebeu, abrem-se novas perspectivas para novas leituras, num sucessivo aprofundamento do plano material para outros que remetem a um caráter mais universal que transcende a materialidade.

Em *O Cirio perfeito* Pedro Nava usa como epígrafe um texto de Proust para assim comentá-lo:

Essa idéia luminosa de Proust está na origem do que diz Guimarães Rosa - que os mortos se encantam. mas é particularmente importante porque a partir dela vem todo o processo de associação reminiscente da madeleine. Sugiro-me que este encantamento torna todos os objetos velhos sagrados, porque neles muitas pessoas encantaram-se num pedaço inchável, mas presente, como molécula embebida na matéria dum cristal. Não só pessoas, idéias, lembranças, tornam cada pedaço de um móvel, de uma casa, *madeleine*. Suprimi-los é impedir o seu encontro com a pessoa que a determina como lembrança e fechar para sempre uma catadupa de poesia que é obrigada a não renascer (...) jamais será encontrada pelo lírico que nela depositara seus segredos de lembrar. Uma demolição suprime assim milhares de coisas e interrompe a memória.

¹ Pedro Nava chamava *boneco* os rascunhos a partir dos quais escrevia. Os bonecos eram arquivados em fichários e compunham-se de colagens, cartões postais, cartas, desenhos e anotações diversas.

Nava esclarece a sua relação com os objetos formadores do circuito do seu apartamento que, como funcionário de museu, inventaria diariamente pela manhã. Objetos que perderam a razão para a qual foram criados e que passam a ser assombrados pelos mortos, que sentam nas poltronas, e se deixam tocar através dos antigos pertences. “Toco esses objetos como se o fizesse a mãos testas e cabelos mortos.” O escritor compreende bem que sua casa e seus pertences estão impregnados por essas pessoas mortas, entranhadas nos objetos, por encantados que sobem de uma foto, de uma carta, de um encosto de poltrona que conservou a sua forma Viva.

Cabe nessa reflexão sobre os objetos encarados como suportes materiais de memória e de escrita a inclusão da serralheria carioca, pelo olhar museal que Nava lança sobre ela. Na pele da personagem Egon, Nava tornou-se um catalogador desses elementos sobreviventes dispersos pelos bairros do Rio de Janeiro. Assim, percorrendo as ruas da cidade, registrou por desenho fotografia e escrita, ornatos, grades, gradis, sacadas, portões, sustentadores, e partiu para uma sistematização que lhe permitiu arquivar em boa ordem as suas impressões. (*O Cirio perfeito*: 389) Nava compreendia, além do sentido dos objetos, quais os elementos que permitem a extração do seu conteúdo informacional: forma, decoração, origem... Compreendia a necessidade de coleta e sistematização, e por isso o seu olhar aproxima-se do olhar técnico do profissional de memória. Então esse perfil extrapola o do mero colecionador.

Marilia Rothier encontrou nos *bonecos* de Pedro Nava uma série de chaves enumerativas: palavras e expressões que serviam como base para a redação e um texto final: Assim como a análise de um objeto de museu se dá pela desconstrução, na qual como chaves, as palavras que designam conceitos são destacadas, Nava trabalha inversamente. Com olhar museal o autor extrai conteúdos de memória e a leitura de significados mais profundos, mas também constrói a partir de palavras chaves uma escrita que encerra toda a relação homem -objeto – e memória. A partir dessa codificação, que amplia, trata da concretude das ruas, fachadas, ruínas e monumentos e constrói a relação homem- cidade – memória.

Observando fachadas e elementos arquitetônicos, Pedro Nava constrói itinerários do Rio de Janeiro. Roteiros de ruas antigas, em que a desagregação e a deterioração pontuam uma relação de similitude com a própria vida que está por findar. E assim, constrói pela escrita um discurso de patrimônio pessoal, cotidiano e subjetivo. A identificação do leitor com esse discurso leva ao sucesso literário em que o autor se transformou, com todos os livros integrando as listas de mais vendidos no Brasil.

Referências:

- BACHELARD, Gaston de. *Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- DELEUZE, Giles. *Proust e os Signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. O Museu e o problema do conhecimento. In: *Anais do IV Seminário sobre museus–casa: pesquisa e documentação*. Rio de Janeiro: FCRB, 2002.
- POMIAN, Krystof. Coleção. In: *Enciclopedia Einaudi: memória e história*. Lisboa: Imprensa Nacional. 1984.

The concept of object in the memorable works of Pedro Nava

Abstract:

The text focus the works of Pedro Nava, in special the book “Galo das Trevas”, trying to comprehend the concept of object. The text goes on with the author’s view of the objects as contents of memory, specially from the ones that compose his residence, at Rua da

Claudia Barbosa Reis

Glória. Tries an analogy between the author's view and the view of the professional of memory, specially the museum professional. It also includes a view of Rio de Janeiro through museological elements and linked with its built material heritage.

Keywords: Pedro Nava; memory; museum; Rio de Janeiro.